

O MÉTODO DIALÉTICO NA TEORIA SOCIAL DE MARX: PESQUISA CONSCIENCIOSA E DEMORADA

Andréia Mello Lacé (UnB)¹

RESUMO

Esse artigo resulta da reflexão feita após a qualificação de Doutorado, no Departamento de Pós Graduação em Educação, da Universidade de Brasília, e objetiva analisar como Marx consignou os pressupostos teóricos de seu método em quatro de seus escritos: *a Miséria da Filosofia*² (1847)³, especialmente, o parágrafo primeiro do capítulo 2, intitulado *o método*"; a *Introdução* (1857), o *Prefácio* (1859) da *Crítica da Economia Política* e o *posfácio* a segunda edição "d'O Capital" (1873). O fio condutor para a construção dessa análise foi o itinerário de estudos de Marx, consignado por ele mesmo, no *Prefácio* de 1859. Essa reflexão foi o início de um acerto de contas com a minha formação acadêmica, cujos pressupostos teóricos dominantes foram àqueles que priorizavam a visão fragmentada e aparente dos fenômenos sociais.

Palavras chave: Método dialético. Teoria social. Itinerário de estudos.

THE DIALECTICAL METHOD IN MARX SOCIAL THEORY: A CONSCIENTIOUS AND LENGTHY RESEARCH

ABSTRACT

This article is the result of a reflection developed after the qualification of our PhD project, in the Department of Graduate Education at the University of Brasilia, and aims to analyze how Marx consigned the theoretical presuppositions of his method in four of his writings: the *Poverty of Philosophy* (1847) especially the first paragraph of chapter 2, *the method*; *Introduction* (1857); *Preface* (1859) of the *Critique of Political Economy*; and the *postscript* to the second edition of *Capital* (1873). The guiding principle for the construction of this analysis was the itinerary of Marx studies, consigned by himself, in the *Preface* of 1859. This reflection was the beginning of a reckoning with my academic background, whose dominant theoretical assumptions were those which prioritized the fragmented and apparent vision of the social phenomena.

Key words: Dialectical method. Social theory. Study itinerary

¹ Mestre em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e Doutora em Educação pela Universidade de Brasília (UnB). andreia.mello.lace@gmail.com

² Trabalha-se com a edição da Global de 1985 prefaciado por José Paulo Netto.

³ Nesta sequência de exposição das obras optou-se por colocar entre parênteses o ano de publicação das mesmas e não o ano das edições analisadas. As referências completas estão no final do artigo.

INTRODUÇÃO

Alguns caminhos tiveram de ser refeitos após a minha qualificação de Doutorado, em 10 de setembro de 2012. Lendo o texto de Sartre (1987), “Questão de Método”, deparei-me com situação análoga quando ele diz que, aos 20 anos, em 1925, não havia cátedra de marxismo na universidade, nem mestres, nem programas e que, dessa forma, era bastante complexo operar com o pensamento dialético de Marx, apesar do interesse de muitos. No fundo, o que a juventude contemporânea de Sartre conseguia, em suas palavras, era ser “intelectuais maus dialéticos” (SARTRE, 1987, p.119).

Apesar de o tempo da experiência de Sartre ser completamente diverso do tempo em que me formei em História na Universidade Federal Fluminense, no início do novo milênio, a primeira e única experiência relacionada diretamente ao pensamento de Marx foi no primeiro período do curso. A professora Virgínia Fontes⁴ trabalhou conosco, na disciplina “Métodos e Técnicas da pesquisa em História”, a *Introdução e o Prefácio da Crítica para a Economia Política*⁵.

Meu interesse pelo método construiu-se neste marco. Antes, porém, desde a adolescência, já nutria perspectivas de transformações societárias, quando alfabetizava adultos em casa munida das concepções freireanas.

Essa breve nota é para dizer que a escolha pelo método histórico dialético não se fez aleatória ou por qualquer tipo de modismo e/ou imposição acadêmica. Pelo contrário, há um desejo de transformação social e um entendimento de que a prática científica está orientada para a emancipação humana.

Acrescento ainda que o Ciclo de estudos intitulado *O Método em Marx*, promovido pela Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, pela linha de pesquisa *Políticas Públicas e Gestão da Educação*⁶, foi um evento marcante que teve desdobramentos significativos nos rumos do aprofundamento do método em Marx. A mesa denominada: *Questão do Método na Teoria Social de Marx* teve como

⁴ Autora de vários trabalhos de inspiração marxiana. Entre eles: FONTES, Virgínia. *O Brasil e o capital imperialismo: teoria e história*. Rio de Janeiro: EPSJV/Editora UFRJ, 2010.

⁵ A maioria dos alunos, calouros, ficou enlouquecida.

⁶ O Ciclo de Estudos realizou-se na Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, em 7 nov. 12.

um dos palestrantes o professor doutor Marcelo Húngaro⁷. O palestrante, com base em suas pesquisas, apresentou-nos Marx como homem do seu tempo e como inquieto intelectual que, ao longo de sua trajetória de vida, incorporou de forma processual as categorias de análise que compõem o seu arsenal analítico.

A partir dessa consideração que, parece basilar aos estudiosos da obra marxiana, compreendi que o caminho construído em meu projeto de qualificação, sobretudo no item sobre o método, deveria ser refeito⁸. Senti a necessidade de andar muitos passos para trás, a fim de ir adiante com a intenção primeira, de realizar um esforço para analisar meu objeto de pesquisa seguindo os pressupostos do método marxiano. Esse cenário explicita as limitações da pesquisadora tanto em relação à formação intelectual, quanto em relação ao tempo institucional para o cumprimento e a apresentação da investigação.

1. Ponto de partida: o método em Marx

Os passos recuados que dei teve como ponto de partida a compreensão dos caminhos trilhados por Marx e como ele consignou os resultados em quatro de seus escritos: *a Miséria da Filosofia* (1847), especialmente, o parágrafo primeiro do capítulo 2, intitulado *o método*; *a Introdução* (1857); o *Prefácio* (1859) da *Crítica da Economia Política* e o *posfácio* a segunda edição de *O Capital* (1873). Cumpre dizer que a *Introdução da Crítica da Economia Política* é na verdade a *Introdução aos Grundrisse [Rascunhos]*⁹ (1857/1858). Percorrer essas obras objetivou encontrar as pistas para o início do entendimento dos pressupostos teóricos fundantes do pensamento marxiano.

Começarei pelo *Prefácio da Crítica da Economia Política* porque, nestas cinco páginas, o nosso autor apresenta um *esboço* do percurso que realizou em seus estudos e como foi enriquecendo-se de determinações para conseguir fazer a *Crítica da Economia Política* vigente e explicar em sua totalidade a produção material dos indivíduos determinada socialmente. O objeto de estudo de Marx está, portanto,

⁷Após o Ciclo de Estudos a pesquisadora participou como ouvinte da disciplina: Teoria social, pós-modernidade e Educação Física, segundo semestre de 2012, ministrada pelo Professor Doutor Marcelo Edson Hungaro, na Faculdade de Educação Física da Universidade de Brasília.

⁸As considerações feitas pelos membros da banca, em especial as formuladas pelo Professor Doutor José Vieira foram de extrema relevância para a busca da pesquisadora em direção ao aperfeiçoamento de sua formação.

⁹A Boitempo publicou os *Grundrisse* em 2011.

situado historicamente, e o seu ponto de partida é a produção material dos indivíduos na sociedade burguesa nascente, mais especificamente na sociedade burguesa do século XIX (MARX. 1982).

Os caminhos e os resultados de sua pesquisa não foram construídos de forma rápida e muito menos descuidada. Como nos diz Netto (2009, p. 6):

[...] O método de Marx não resulta de descobertas abruptas ou de intuições geniais – ao contrário, resulta de uma demorada investigação: de fato, é só depois de quase quinze anos das suas pesquisas iniciais que Marx formula com precisão os elementos centrais do seu método.

No *Prefácio* supracitado, Marx (1982, p. 27) nos diz que o seu trabalho é o resultado de uma “pesquisa conscienciosa e demorada”. Ou seja, para chegar em sua obra seminal, *O Capital*, Marx percorreu uma longa estrada de estudos e de enfrentamentos teóricos. Para efeitos de exposição do método, assinalarei o itinerário que ele descreve no *Prefácio*, conforme dito acima, e que revela as formas processuais do seu encontro com a Economia Política Clássica para, *a posteriori*, realizar a sua crítica. Lembrem-se que o subtítulo do *Capital* é a *Crítica da Economia Política*. Como nos ensina Lukács (2012), a referência imediata dessa crítica diz respeito ao ponto de vista econômico que sustentava a ordem burguesa.

O nosso autor diz-nos que o primeiro problema com o qual se defrontou foi nos anos de 1842/43, quando era redator da Gazeta Renana e teve que se posicionar sobre a situação dos camponeses do Vale do Mosela¹⁰ e sobre o parcelamento da propriedade fundiária. Os camponeses, segundo o direito consuetudinário, poderiam catar lenhas nas propriedades privadas sem punições, todavia o parlamento renano delibera como ato ilegal a coleta de lenhas em 1842.

Dessa forma, assiste-se a um movimento de resistência a esse ato jurídico, e Marx, como jornalista redator, se vê, como ele diz, em apuros e toma partido dos camponeses catadores de lenha. Em defesa dos camponeses ele argumenta contra o rebaixamento da universalidade do Estado e do direito à particularidade da propriedade privada. O Estado deveria, sem sua argumentação da época, submeter-se ao interesse comum (ENDERLE, 2005).

¹⁰ Localiza-se a oeste da Alemanha conhecida pelas vinícolas e vales verdes.

Todavia, a base da sua argumentação é ético-política e nosso autor reconhece a insuficiência de sua formação filosófica para explicar os problemas postos naquele instante histórico.

O jornal financiado pela burguesia local e nascente foi fechado, pois, segundo Hungaro (2008), essa mesma burguesia consegue um acordo político com o monarca e corta as verbas para o jornal. Marx (1982, p. 24), então, “retira-se do cenário público para o gabinete de estudos”. Realiza um autoexílio e, em 1843, vai para Paris. Antes, porém, casa-se e passa uma temporada no balneário de Kreuznach. Nos quatro meses de lua de mel, de outubro a novembro de 1843, Marx empreendeu uma revisão crítica da Filosofia do Direito de Hegel. Essa revisão desembocou em duas obras: a primeira, a *Crítica da Filosofia do Direito de Hegel*¹¹ (1843), um manuscrito elaborado para o seu autoentendimento, portanto, não foi escrito para publicação; e a segunda, a *Introdução à Crítica do Direito de Hegel*, foi escrita em Paris e publicada nos Anais Franco-Alemães, em 1844.

No *Prefácio*, Marx (1982) refere-se à *Introdução* e à importância dessa obra para o seu encontro com a economia política e que o resultado dessa análise, uma vez obtido, servi-o de fio condutor para as suas pesquisas ulteriores.

Voltemos a Kreuznach, onde se inicia a longa imersão de Marx nos estudos. O método de estudo empreendido na revisão crítica do direito de Hegel, bastante comum em suas jornadas de trabalho e investigação, foi extrair fragmentos dos parágrafos (261-313) da obra hegeliana e dialogar criticamente com a ideia do autor. A questão central posta por Hegel é a relação entre estado e sociedade civil. Para Hegel, a sociedade civil é o reino da miséria física e moral e cabe ao estado fundá-la e organizá-la (MARX, 2005).

Nesta obra, está presente a influência de Feuerbach, expressa na “Essência do Cristianismo”. Feuerbach, em uma polêmica direta com Hegel, faz a crítica da religião e nos diz que Deus é uma criação dos homens e não o inverso. Neste caso, os sujeitos são os homens e os predicados são as ideias criadas pelos homens. Desse ponto de vista, Hegel opera uma inversão em seu pensamento ao fazer do predicado o sujeito, ao afirmar que Deus criou os homens (MARX, 2005).

¹¹ A edição da Boitempo traz tanto a *Crítica*; quanto a *Introdução*. MARX, Karl. *A Crítica da Filosofia do Direito de Hegel*. São Paulo: Boitempo, 2005.

Na Crítica de 1843, Marx assenta sua compreensão do Estado e da sociedade civil em bases semelhantes¹² ao afirmar que não é o Estado que engendra a sociedade civil. O Estado é feito sujeito na medida em que tem o poder de criar a partir de si mesmo suas determinações (ENDERLE, 2005).

Nessa primeira obra, de cariz fundamental no percurso teórico de nosso autor, germina o trânsito para a concreticidade dos fenômenos sociais, remetendo-os para fora dos marcos jurídico-políticos e inserindo-as, ainda que de forma incipiente, à crítica social (NETTO, 1990).

Na “Introdução” escrita em fins de 1843, portanto, quando Marx já se encontrava em Paris, surgem elementos inovadores em seu pensamento, apesar do pouco tempo que separa a “Introdução” da “Crítica” de 1843. São seis páginas intensas, em que várias frases conhecidas de muitos de nós estão presentes, como, por exemplo, “ser radical é agarrar as coisas pela raiz. Mas, para o homem a raiz é o próprio homem” (MARX, 2005, p. 151).

No contexto em que essa frase está situada, evidencia-se a crítica explícita e elaborada ao pensamento de Hegel, expoente representante da filosofia alemã. Para Marx, os alemães encontravam-se na pré-história no terreno do pensamento, pois a filosofia apresentava-se como um prolongamento ideal da história alemã.

Recorda-se que a Alemanha, nesse período, ainda vivia sob forte influência do antigo regime e Hegel, apesar das inovações no plano do pensamento, continuava arraigada a lógica religiosa para a explicação do mundo. Portanto, o que Marx defende e expõe é a importância de uma filosofia de expressão revolucionária que derrube as condições em que homem “surge como ser humilhado, escravizado, abandonado, desprezível – condições que dificilmente exprimirão melhor do que na exclamação de um francês, quando da proposta de um imposto sobre cães: pobres cães! Já querem vos tratar como homens” (MARX, 2005, p. 151).

Nosso autor olha para a quadra histórica da Alemanha e não vê em seu país, devido às particularidades histórica, protagonista dessa ação revolucionária. Vislumbra que o desejo de seu país é a revolução parcial e a emancipação política,

¹² Aqui não significa reduzir a Crítica de Marx a Hegel somente uma inversão teórica de Feuerbach, segundo Netto (1990, p. 49), os desdobramentos epistemológicos e metodológicos da polêmica de Marx contra Hegel, em 1843, indicam que o espectro crítico de que ele se valeu vai muito mais além das indicações feuerbachianas” (p. 49).

todavia assevera que “a filosofia é a cabeça da emancipação humana é o proletariado o seu coração” (MARX, 2005).

Percebemos que surge, na *Introdução*, uma indicação elaborada da necessidade de superar a crítica à religião pela via da crítica à materialidade social. É nessa obra que o proletariado aparece, pela primeira vez, como o agente histórico da mudança revolucionária. A elaboração de sua teoria, a partir de então, toma o partido do proletariado. A tematização da emancipação humana enquanto autorrealização dos homens como seres humanos também passa a ser tomada como lugar central em sua análise.

No percurso de seus estudos, que se iniciou em Kreuznach, Marx, em 1859, no *Prefácio*, portanto, 16 anos após as suas primeiras elaborações, olha para esses momentos de efervescência teórica e diz:

[...] minha investigação desembocou no seguinte resultado: relações jurídicas, tais como formas de Estado, não podem ser compreendidas nem a partir de si mesmas, nem a partir do assim chamado desenvolvimento geral do espírito humano, mas pelo contrário, elas se enraízam nas relações materiais de vida, cuja totalidade foi resumida por Hegel sobre o nome de sociedade civil, seguindo os ingleses e franceses do século XVIII; mas que a anatomia da sociedade burguesa deve ser procurada na economia política (MARX, 2005, p. 25).

O objeto de interesse de Marx, a sociedade civil burguesa, já havia se enriquecido de determinações em 1844. Observa-se que Marx localiza, nesse momento, a gênese de sua compreensão para analisar o seu objeto de estudo embasado na economia política. Mas, como toda investigação é processualidade, outro evento que aparece marcado nas memórias de seu itinerário de estudos, registrados no *Prefácio*, é o encontro com o esboço de Engels, que ele adjetiva de *genial*. Engels, ainda no ano de 1844, encaminhou da Inglaterra para Marx, uns escritos denominados, *Esboço de uma crítica para a economia política*, para ser publicado nos Anais Franco-Alemães. O contato de Marx com o esboço *genial* de Engels permitiu-lhe aprofundar a chave heurística, a crítica da economia política, em seus estudos posteriores. Além disso, marca o início de uma longa e duradoura amizade.

Em 1845, Marx é expulso de Paris e exila-se em Bruxelas, para onde Engels foi instalar-se também. Após longas conversas, decidiram elaborar suas oposições contra a filosofia alemã. Nas palavras de Marx (1982, p.26), “tratava-se de um acerto

de contas com a nossa antiga consciência filosófica”. O acerto de contas de 1845/46¹³, conhecido como a *Ideologia Alemã* ficou abandonado à crítica roedora dos ratos até 1932, mas, no ponto de vista de Marx, o manuscrito já havia atingido seu principal fim: a compreensão deles mesmos.

O itinerário do percurso de estudos de Marx não chegou ao fim. Podemos dizer que, desse momento em diante, a ebulição política e teórica atinge uma curva ascendente e desemboca na polêmica travada com Proudhon na *Miséria da Filosofia*¹⁴. Esta obra publicada em 1847 é dividida em dois capítulos que, por sua vez, é dividido em parágrafos. O capítulo um, chamado *uma descoberta científica*, é dividido em três parágrafos; o capítulo dois, denominado a *metafísica da economia política*, por sua vez, é dividido em cinco parágrafos. O primeiro parágrafo intitulado *o método*, é matéria de nosso interesse maior, pois aqui, pela primeira vez, são registrados os fundamentos e os elementos constitutivos da teoria social marxiana: a análise de conjunto do modo de produção capitalista (NETTO, 1985).

Na arquitetura expositiva do primeiro parágrafo do capítulo dois, Marx (1985) desvela a metafísica do pensamento de Proudhon e, conseqüentemente, dos economistas clássicos ao propugnar a historicidade das categorias econômicas. Diz-nos ainda que “o moinho movido pelo braço humano nos dá a sociedade como o suserano; o moinho a vapor dá-nos a sociedade com o capitalista industrial” (Marx, 1985, p. 106). Na busca da sucessão lógica das categorias econômicas, Proudhon, segundo Marx, reduz o movimento da sociedade no tempo a categorias lógicas e submete-as ao método absoluto hegeliano. Em outras palavras, visa ao encaixe da realidade à razão pura, à ideia. Dessa forma, o pensamento e as categorias constroem o mundo e as relações sociais. Para Marx, as categorias econômicas são expressões teóricas das relações sociais de produção historicamente determinadas. Ao retirar a historicidade das categorias econômicas, Proudhon, na análise de Marx,

¹³ Antes da *Ideologia Alemã*, outras importantes obras foram escritas por Marx e por Marx e Engels. Citemos: o famoso *Manuscrito Econômico e Filosófico* de 1844; *A Sagrada Família* ou a crítica da crítica crítica de 1845, em parceria com Engels e as *teses contra Feuerbach*, escritas em 1845.

¹⁴ Estamos trabalhando, conforme explicitamos acima, com a edição da Global de 1985. Esta edição traduzida por José Paulo Netto, traz uma excelente introdução, redigida pelo mesmo autor. Netto, apresenta o contexto sociohistorico em que o obra de Proudhon e a crítica de Marx foram produzidas; além de explicitar para o leitor, a evolução intelectual de Proudhon e de Marx. Considera José Paulo Netto, que nos finais dos anos 30 do século XIX, Marx e Proudhon tiveram trajetórias diametralmente opostas; enquanto Proudhon translada de um pensador revolucionário para um pensador reformista; Marx translada de um pensador democrata radical para um pensador revolucionário.

toma o método como uma questão de princípio maniqueísta e esfacela os demais elementos que constituem a totalidade das relações de produção.

Vejamos como Marx (1985, p.117) posiciona-se: “dia após dia, torna-se assim mais claro que as relações de produção nas quais a burguesia se move não tem um caráter uno, simples, mas um caráter dúplice; que, nas mesmas relações em que se produz a riqueza, também se produz a miséria” (...).

Percebe-se, em 1847, importantes conquistas teóricas do nosso autor, resultantes de processo intenso de pesquisas, tanto no que concerne à categoria da totalidade, sob o primado da economia, para compreender o caráter contraditório da sociedade burguesa, quanto sobre a vinculação entre a análise teórica e o movimento histórico (HUNGARO, 2008).

Algumas conquistas teóricas ainda permanecem por serem feitas no escopo da obra de 1847. A principal delas é que, mesmo Marx já tendo assumido categorias essenciais à sua teoria, não significa, desde esse momento, ele já tivesse desvelado a produção capitalista. Esse desvelamento será empreendido n’ *O Capital*. É, todavia, no, decorrer da década de 50 do século XIX, que Marx dá os passos decisivos em torno de suas aquisições teórico-metodológicas (NETTO, 1985).

2. A teoria social constituída: o ponto de chegada do pensamento marxiano

A *Introdução*¹⁵ aos *Grundrisse*, de 1857, é composta por 18 páginas e subdividida em quatro itens. Os dois primeiros itens referem-se aos seus *apontamentos econômicos do período*, o terceiro refere-se ao *método da economia política* e o quarto item apresenta-nos um plano de trabalho dos pontos mencionados na *Introdução* e que careciam de aprofundamentos. Observa-se que a *Introdução* bem como o próprio *Grundrisse* foram elaborados para sua compreensão, como, aliás, era costume de nosso autor. No *Prefácio* mesmo, quando apresenta ao leitor a primeira parte do livro que trata do *Capital* e a composição das temáticas que integram os respectivos capítulos (a mercadoria, a moeda ou a circulação simples e o capital em geral), diz-nos que tem diante de si

¹⁵ A *Introdução* foi descoberta por Kautsky em 1902 e publicada por ele em 1903 na Alemanha. No *Prefácio da Crítica para a Economia Política*, Marx refere-se a esta *Introdução*. Segundo nota do tradutor (1982), o título *Introdução à Crítica da Economia Política*, não é da lavra de Marx, mas é o título que aparece em sua primeira edição e como tal ficou conhecida.

um conjunto de monografias que foram redigidas em tempos diversos para a sua própria compreensão. Esse conjunto de monografias compõe os seus rascunhos. Podemos inferir que a maneira de Marx estudar revela-nos um tipo de procedimento de pesquisa muito utilizado por ele no processo de saturação de determinações do seu objeto.

A parte de nosso maior interesse na *Introdução* é a que menciona o método, todavia cumpre esclarecer que os supostos teóricos metodológicos não aparecem descolados de sua intensa investigação, pelo contrário. Primeiro ele apresenta-nos os resultados de sua investigação, para em seguida sistematizar o percurso teórico seguido. Como podemos notar, Marx não nos apresenta um trabalho específico sobre o seu método. Os seus pressupostos encontram-se diluídos ao longo de seu trabalho de investigação.

Essa observação vai de encontro às apropriações feitas do pensamento marxiano por muitos marxistas, sobretudo a partir da Segunda Internacional, que foi agravada pela terceira Internacional. É dessa época a institucionalização do marxismo-leninismo como ciência do socialismo real. Tais apropriações, segundo Netto (1994), Cardoso; Brignoli, (2002), contribuíram para transformar os pressupostos de Marx em verdadeiras doutrinas, haja vista os inúmeros manuais, via de regra, de orientação stalinista. Essas obras reduziram o método em Marx a esquemáticos fundamentos que, influenciaram e influenciam ainda hoje pesquisas acadêmicas, tanto em nível de mestrado quanto em nível de doutorado.

O manual que fez parte da minha formação e seus ecos são percebidos no projeto de qualificação apresentado na Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, em Setembro de 2010, foi Politzer; Besse e Caveing (s/d). Na obra *Princípios fundamentais de filosofia*, os autores com base no materialismo dialético e histórico de Stalin, resumem o método em 25 lições. Da primeira a sétima lições encontramos a síntese das leis da dialética; nas demais lições, encontramos as características do materialismo e as lições sobre o materialismo histórico. O meu retorno aos estudos teóricos intenta superar a perspectiva sistematizada no projeto de qualificação. Para isso, anco-me, sobretudo, nos textos do próprio Marx, conforme descrito no primeiro item deste artigo.

Antes de voltarmos à *Introdução*, avançaremos para o *Pósfacio* da segunda edição d'O *Capital*, de 1873. Nesses escritos, ao responder a crítica do senhor M.

Block publicada no Jornal francês dos economistas em 1872, Marx, a partir de alguns extratos da própria observação do autor, diz-nos que ele compreendeu muito bem o seu método dialético.

Entre outros destaques feitos pelo Senhor Block, está o fato de que, para Marx, o importante é encontrar as leis particulares dos fenômenos. Não uma lei fixa e imóvel aplicável em toda parte e para todo o lugar, mas uma lei que explique a gênese, a mutabilidade e o desenvolvimento dos fenômenos e suas conexões com as esferas sociais. A gênese, a mutabilidade e o desenvolvimento dos fenômenos são dependentes do nível de desenvolvimento das forças produtivas (BLOCK, 1872 apud, MARX, 1990).

Ao comentar a síntese elaborada pelo Senhor Block, Marx (1990) clareia para os leitores um aspecto essencial de seus pressupostos teóricos metodológicos, a diferença entre o método de investigação e o método de exposição. Na investigação, o pesquisador apropria-se dos materiais de que dispõe em seu pormenor, identifica as diferentes determinações que os integra, analisa suas diferentes formas de desenvolvimento e descobre o vínculo interno, as contradições e as mediações existentes entre as diferentes determinações. Após ter finalizado essa etapa, o investigador está apto a expor teoricamente o movimento real do seu objeto. A exposição da investigação só se realiza de forma completa após o pesquisador ter saturado de determinações o seu objeto.

Na sequência do *posfácio*, Marx faz uma afirmação que nos ajudará a compreender qual o significado de teoria e de movimento ideal para o nosso autor. Vejamos:

[...] o meu método dialético é, pela base, não apenas diverso do de Hegel, mas o seu direto oposto. Para Hegel, o processo do pensamento – que ele transforma num sujeito autônomo sob o nome de ideal – é o demiurgo¹⁶ do real, que forma apenas o seu fenômeno exterior. Para mim, inversamente, o ideal não é senão o material transposto e traduzido na cabeça do homem [...] (MARX, 1990, p. 22).

Netto (2009) esclarece-nos o que é a teoria para Marx. Segundo o autor, a teoria é a reprodução ideal do movimento real do objeto pelo sujeito. Por meio da teoria, o pesquisador gera as interconexões que medeiam o objeto pesquisado para além da aparência dada. No entendimento de Marx (1982), o curso do pensamento,

¹⁶ Criador

portanto da teoria, consiste em elevar-se do mais simples ao mais complexo até a sua reprodução ideal. Em outras palavras, a teoria é o objeto reproduzido idealmente em suas conexões pelo pensamento. Este é o cerne da dialética marxista conforme percebemos no fragmento acima.

Podemos inferir que o ideal, o pensamento, a teoria, para Marx, são as determinações e conexões que o sujeito apanha do objeto em sua cabeça. É a tradução do objeto real pelo pesquisador para além de sua representação primeira. Neste caso, a representação dada é o ponto de partida para o pesquisador elevar o seu objeto a dimensões mais complexas. “As verdades científicas são sempre paradoxais, se julgadas pela experiência de todos os dias, a qual somente capta a aparência enganadora das coisas” (MARX, 1982, p. 158).

No conhecido exemplo, presente na *Introdução* de 1857, escrita 10 anos após a publicação da *Miséria da Filosofia*, Marx, ao apresentar o método da economia política, nos fala da população que, à primeira vista, parece a expressão real do concreto, do ponto de vista da economia. No entanto, de acordo com Marx (1982), nada é mais falso, pois a população não passa de uma abstração se não considerar em seu estudo as classes que a compõem. Por outro lado, as classes seriam palavras vazias de sentido se forem desprezados os elementos que a sustentam, tais como: trabalho assalariado, capital etc. Em sua notória síntese nos diz:

[...] se começássemos pela população teríamos uma representação caótica do todo, e através de uma determinação mais precisa, através de uma análise chegaríamos a abstrações cada vez mais tênues até atingirmos determinações as mais simples. Chegados a este ponto, teríamos que voltar a fazer a viagem de modo inverso até dar de novo com a população, mas dessa vez não como uma representação caótica de um todo, porém como uma rica totalidade de determinações e relações diversas [...] (MARX, 1982, p.14)

Nessa passagem, observamos que o ponto de partida de todo caminho investigativo é o real, a realidade concreta, todavia a expressão imediata do real, sua aparência imediata não é suficiente para alcançar o concreto pensado. A empiria, a aparência imediata, é o indício da investigação, porém ao mesmo tempo revela, mistifica e oculta significações.

Em outras palavras, a aparência da realidade não corresponde à essência da realidade. “Marx é o pensador que funda a teoria que permite ultrapassar a aparência coisificada dos fenômenos sociais” (NETTO, 1994, p. 18).

O primeiro passo para se chegar à síntese das múltiplas determinações é negar a aparência por meio da faculdade da abstração, até chegar a determinações mais tênues do objeto. A negação como postura investigativa tem o significado de transcender o geral e imediato a fim de descobrir as determinações do objeto e suas respectivas mediações. De acordo com Lefebvre (1977, p.56):

[...] A pesquisa não se pode agarrar ao pesquisador diretamente. O pesquisador não deve contentar-se com a aparência das coisas deve desvendar o que encerra essas mesmas coisas. A análise que ultrapassa a representação caótica do todo, alcança, cada vez mais conceitos simples e sutis.

Ao negar a aparência da realidade apresentada aos seus olhos, o pesquisador inicia a viagem para desvendar a rica e controversa realidade. Porém, a viagem de volta ou ao *inverso*, como Marx a denomina, é indispensável para que o pesquisador perceba que a realidade deixou de ser uma representação caótica do todo para converter-se numa rica totalidade pensada. A categoria da totalidade não pode ser compreendida como a justaposição das partes que a compõem, implica antes na descoberta das relações contraditórias estabelecidas entre as partes.

Vejamos uma passagem bastante ilustrativa que explicita o movimento do pensamento, da teoria no processo de apropriação do real:

O concreto é concreto porque a síntese de múltiplas determinações, isto é, unidade do diverso. Por isso o concreto aparece no pensamento como o processo de síntese, como resultado, não como ponto de partida, ainda que seja o ponto de partida efetivo e, portanto, o ponto de partida da intuição e da representação (...). As determinações abstratas conduzem à reprodução do concreto por meio do pensamento. Por isso Hegel caiu na ilusão de conceber o real como resultado do pensamento que se sintetiza em si, se aprofunda em si, e se move por si mesmo; enquanto que o método que consiste em elevar-se do abstrato para o concreto não é senão a maneira de proceder do pensamento para se apropriar do concreto, para reproduzi-lo como concreto pensado. Mas este não é de modo nenhum o processo da gênese do próprio concreto (MARX, 1982, p. 14).

A síntese de muitas determinações expressa o resultado da investigação no pensamento do pesquisador. Quando o estudioso chega nesse ponto, ele conseguiu elevar-se do abstrato, por meio de técnicas diversas, análise documental, comparações, estudos bibliográficos com autores de matizes diversas etc. para o concreto pensando. Ou seja, o pesquisador reproduziu idealmente, por meio do pensamento, a realidade. Importante notar que a síntese não representa a junção de

elementos homogêneos. A síntese exprime-se pelas mediações existentes na diversidade e nas contradições dos fenômenos. Portanto, quando o investigador chega à síntese, ao resultado de pesquisa em que incorpora as múltiplas determinações do objeto, essa já pode ser exposta. A maneira de proceder do pensamento, o caminho que pesquisador utilizará para elevar-se do *abstrato* ao *concreto* é o caminho da investigação, pois é o processo de investigação que permite ao pesquisador, a partir do imediato, do concreto carente de saturação, elevar o seu objeto à categoria de concreto pensado.

Por meio da reprodução ideal do movimento do real, o pesquisador não cria o concreto, essa foi a ilusão de Hegel, como diz o nosso autor. O pensamento torna o concreto enriquecido de determinações. A gênese do concreto está associada às continuidades e descontinuidades do tempo histórico.

Nesse processo de enriquecimento e de reprodução teórica, o pesquisador necessita de categorias analíticas que apreendam a dinamicidade do real. E o que são categorias para Marx? Busquemos a resposta em seus fragmentos:

[...] as categorias exprimem, portanto, formas de modo de ser, determinações da existência, frequentemente aspectos isolados dessa sociedade determinada, desse sujeito, e que, por conseguinte, essa sociedade de maneira nenhuma se inicia, inclusive do ponto de vista científico, somente a partir do momento em que se trata dela como tal [...]. (MARX, 1857, p. 24)

Enquanto formas de ser do objeto, do sujeito, as categorias só podem ser compreendidas dentro dos limites e das condições históricas. Elas não são dadas, *a priori*, como uma sucessão lógica de categorias à moda Proudhon.

Nas palavras de Fernandes (1980, p. 107):

[...] a semelhante método corresponde, naturalmente, um processo de construção de conceitos que pretende apanhar a realidade em sua unidade e diversidade – os conceitos se tornariam então categorias de pensamento plenamente saturadas da realidade empírica.

Para se chegar às categorias de um dado objeto é preciso ter clareza que a realidade é um complexo em processo, um constante vir a ser, mas que, de todo modo, é possível a razão apreender sua lógica processual. Para isto, além dos aspectos do método já mencionado, Marx trabalha com dois movimentos: a investigação do fenômeno no tempo presente e, simultaneamente, captura da

gênese desse fenômeno na marcha histórica. A partir de então é possível extrair a particularidade do fenômeno em sua forma mais desenvolvida (HUNGARO, 2008).

Citemos a letra do texto da Introdução, de 1857:

A sociedade burguesa é a organização histórica mais desenvolvida, mais diferenciada da produção. As categorias exprimem suas relações, a compreensão de sua própria articulação, permitem penetrar na articulação e nas relações de produção de todas as formas de sociedade desaparecidas, sobre cujas ruínas e elementos se acha edificada, e cujos vestígios, não ultrapassados ainda, leva de arrastão desenvolvendo tudo que fora antes apenas indicado que toma assim toda a sua significação etc. A anatomia do homem é a chave para a anatomia do macaco. O que nas espécies animais inferiores indica uma forma superior não pode, ao contrário, ser compreendido senão quando se conhece a forma superior. A economia burguesa fornece a chave da economia da antiguidade etc., porém não conforme o método dos economistas que fazem desaparecer todas as diferenças históricas e vêem a forma burguesa em todas as formas de sociedade [...]. (MARX, 1982, p. 17)

Para além da devida importância que o pesquisador tem de dar à evolução histórica do fenômeno estudado, cabe frisar também a devida importância que tem de dar às particularidades históricas. Esse olhar cuidadoso ajuda-nos a evitar anacronismo e identificar, no passado, as mesmas características do fenômeno pesquisado no tempo presente. Apanhar as particularidades no processo de evolução histórica do fenômeno é necessário a produção do conhecimento. Podemos falar então da importância de analisar o objeto percebendo seus elementos de continuidade e descontinuidade histórica. Em outras palavras, suas permanências e rupturas.

Netto (2009), alerta-nos da importância da relação sujeito/objeto que, na perspectiva de nosso autor, tem um papel ativo e não de neutralidade à moda dos positivistas. O sujeito, nesta perspectiva, deve ser capaz de destrinchar em seus pormenores as determinações do objeto, analisar suas diferentes formas de manifestar-se e perseguir a interconexão que existe entre as determinações constitutivas do objeto. Nas palavras de Netto (2009, p. 10), “o sujeito deve ser capaz de mobilizar um máximo de conhecimentos, criticá-los, revisá-los e deve ser dotado de criatividade e imaginação”.

Em decorrência, o sujeito está enleado ao objeto. O método, pois, em Marx, não está descolado da teoria, nem do sujeito. Não representa um conjunto de regras que são apresentadas *a priori*. O como pesquisar em Marx constrói-se

simultaneamente com a reprodução ideal do movimento real do objeto, com a sagacidade do pesquisador para descortinar a rica realidade de determinações e relações diversas do objeto.

Recordemos que o momento ontológico no pensamento marxiano é a *produção material socialmente determinada* na ordem burguesa que, ele metaforicamente chama “da luz universal que se embebedam todas as cores, e que as modifica em sua particularidade” (MARX, 1982, p.18).

O discurso que Engels (1985, p.179) fez diante do túmulo de Karl Marx, no dia 14 de março de 1883, ilustra a importância dessa impositação ontológica para a reprodução do ser social:

[...] Marx descobriu a lei do desenvolvimento da história humana [...] e que os homens, antes de mais, tem primeiro que comer, beber, abrigar-se e vestir-se, antes de poderem entregar à política, à arte, à religião [...], de que portanto, a produção dos meios materiais imediatos forma a base, a partir da qual as instituições do Estado, as visões do Direito, a arte e mesmo as representações religiosas dos homens em questão, se desenvolveram e a partir da qual, portanto, elas têm também que ser explicadas – e não, como até afora tem acontecido, inversamente.

Cabe-nos esclarecer que o reconhecimento da primazia da produção material da ordem burguesa não significa que a imagem de mundo de Marx seja fundada no economicismo. Lukács (2012) e Netto (2011) alerta-nos sobre essa interpretação e nos dizem que a visão puramente economicista dos supostos filosóficos marxianos é fruto da obra de muitos de seus epígonos que, em larga medida, se equivocaram ao substituir os árduos esforços investigativos pela “aplicação” do método em toda em qualquer situação. Ademais, concebem Marx como um teórico fatorialista em que o fator econômico é determinante em relação aos fatores sociais, políticos e culturais (NETTO, 2011).

Muitos desses epígonos disseminaram as suas ideias após a segunda e a terceira internacional conforme dito no item um deste artigo. Nas palavras de Lukács (2012 b, p. 105), “não é o predomínio do ponto de vista econômico na explicação histórica que distingue de maneira decisiva o marxismo da ciência burguesa, mas o ponto de vista da totalidade” (p. 105). Dessa forma, o método em Marx nos permite uma reconstrução do objeto compreendendo que este está inscrito numa realidade sócio histórica. Lukács define muito apropriadamente a importância do método em Marx ao afirmar que a ortodoxia marxista da qual, não podemos abrir mão, refere-se ao seu método (2012).

CONCLUSÃO

Por meio do itinerário de estudos de Marx, consignados por ele mesmo no *Prefácio* (1982), e a partir de seus escritos que trazem apontamentos sobre o método dialético, intencionamos analisar como Marx consignou os pressupostos teóricos de seu método.

Vimos que a teoria social significa o concreto pensado, fruto de um processo demorado de estudo e dedicação. As primeiras bases de sua teoria foram lançadas, em 1847, no livro *a Miséria da Filosofia*, pois é nessa reflexão que Marx propõe a historicidade das categorias econômicas se contrapondo ao pensamento metafísico de Proudhon e dos economistas clássicos. Ademais, a importância da categoria da totalidade para a compreensão do caráter contraditório da sociedade burguesa emerge como toda força.

Dez anos mais tarde, em 1857, na *Introdução para a Crítica da Economia Política* é que encontraremos apontamentos sobre o seu método de análise da sociedade burguesa. Importa destacar que, Marx não escreve uma obra específica sobre o seu método, pois esse se encontra dissolvido em sua exposição. Aliás, o pesquisador só está apto a expor teoricamente o movimento real do seu objeto, após ter-se enriquecido, no momento da investigação, das propriedades contraditórias que compõem, em pormenor, o seu objeto de estudo. Essa constatação oferece subsídios para se compreender o significado do concreto pensado -, a teoria construída pelo sujeito, a partir da análise do seu objeto de estudo, para além das aparências primeiras -.

Na *Introdução* de 1857, essa elaboração teórica está posta e é chamada de “viagem de modo inverso”, pois nesse caminho de volta, o pesquisador se depara com o seu objeto, não mais como uma representação caótica e aparente, mas como uma rica totalidade de relações diversas. A síntese é a teoria é o movimento ideal do objeto.

Alcançar essa apreensão teórica, tomando o partido da classe trabalhadora, em Marx, foi obra de toda uma vida. Para aqueles que desejam se inspirar nesse grande estudioso da sociedade burguesa, em seus esforços investigativos, cabe a advertência feita por Frigotto (2010) e Kuenzer (2011). A advertência de Frigotto

(2010) é a de que o conhecimento científico não consegue apreender todas as determinações e todas as leis que estruturam os fenômenos sociais, mas deve buscar apreender as determinações e leis fundamentais. Kuenzer (2011), por outra parte, revela que as investigações, neste campo teórico, têm mostrado que o discurso é mais fácil do que a sua efetivação, principalmente porque o método de investigação é único, em cada pesquisa, exigindo idas e vindas, clarezas e confusões, decisões e negações.

E nesse percurso, a dúvida e a busca são sempre salutares!

Referências

ENDERLE, Rubens. Apresentação. In: **Crítica da filosofia do Direito de Hegel**. São Paulo: Boitempo, 2005.

FRIGOTTO, Gaudêncio. Os circuitos da história e o balanço da educação no Brasil na primeira década do século XXI. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, v. 16, n. 46, p. 235-274, jan./abr. 2011.

HUNGARO, Edson Marcelo. **Trabalho, tempo livre e emancipação humana: os determinantes ontológicos ds políticas sociais de lazer**. Tese [Doutorado em Educação Física]. Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2008.

KUENZER, Acácia Zeneida. Desafios teórico-metodológicos da relação trabalho-educação e o papel social da escola. In: FRIGOTTO, Gaudêncio (Org.). **Educação e crise do trabalho: perspectivas de final de século**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

LEFEBVRE, Henri. **Problemas atuais do marxismo**. Portugal: Editorial Avante, 1985.

LUKÁCS, György. **O que é o marxismo ortodoxo**. In: LUKÁCS, György. História e consciência de classe: estudos sobre a dialética marxista. São Paulo: Martins Fontes, 2012a.

LUKÁCS, György. Os princípios fundamentais de Marx. In: LUKÁCS, György. **Para uma ontologia do ser social**. São Paulo: Boitempo, 2012b.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. Feurbach: a ideologia em geral, em especial a Alemã. In: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.

MARX, Karl. Prefácio. In: MARX, Karl. **Para a crítica da economia política: salário, preço e lucro; o rendimento e suas fontes: a economia vulgar**. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

MARX, Karl.. Introdução. In: MARX, Karl. **Para a crítica da economia política: salário, preço e lucro; o rendimento e suas fontes: a economia vulgar**. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

MARX, Karl.. Pós-facio à segunda edição. In: MARX, Karl. **O Capital**, tomo I. Lisboa: Edições Avante, 1990.

MARX, Karl. **Miséria da filosofia**. São Paulo: Global. 1985.

MARX, Karl. **Crítica da filosofia do Direito de Hegel**. São Paulo: Boitempo, 2005.

MARX, Karl. Introdução a crítica da filosofia do Direito de Hegel. In: **Crítica da filosofia do Direito de Hegel**. São Paulo: Boitempo, 2005.

MARX, Karl. O método da economia política. In: MARX, Karl. **Grundrisse**. São Paulo: Boitempo, 2011.

NETTO, José Paulo. Relendo a teoria marxista da história. In: SAVIANI, Demeval; LOMBARDI, José Claudinei; SANFELICE, José Luís (Orgs.). **História e História da Educação: o debate teórico-metodológico atual**. Campinas, SP: Autores Associados: HISTEDBR, 2010.

LOMBARDI, José Claudinei; SANFELICE, José Luís (Orgs.). **Crise do socialismo e ofensiva neoliberal**. São Paulo: Cortez, 1995.

LOMBARDI, José Claudinei; SANFELICE, José Luís (Orgs.). **Introdução ao estudo do método de Marx**. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

LOMBARDI, José Claudinei; SANFELICE, José Luís (Orgs.). Notas sobre a democracia e transição socialista. In: **Democracia e transição socialista: ensaios de teoria política**. Belo Horizonte: Oficina do Livro, 1990.

LOMBARDI, José Claudinei; SANFELICE, José Luís (Orgs.). **O que é o marxismo**. São Paulo: brasiliense, 1994.

LOMBARDI, José Claudinei; SANFELICE, José Luís (Orgs.). Introdução. In: MARX, Karl. **Miséria da Filosofia**. São Paulo: Global, 1985.

LOMBARDI, José Claudinei; SANFELICE, José Luís (Orgs.). Marx: a propósito da crítica de 1843. In: **Democracia e transição socialista: ensaios de teoria política**. Belo Horizonte: Oficina do Livro, 1990.

POLITZER, Georges et all. **Princípios fundamentais de filosofia**. São Paulo: Hemus Editora, s/d.

SARTRE, Jean-Paul. Questão de método. In: SARTRE, Jean-Paul. **Existencialismo é um humanismo**. A imaginação. Questão de método. (Coleção os Pensadores). São Paulo: Nova Cultural, 1987.